

Ética do analista, ética dos gozos.

1. Introdução

O argumento deste congresso nos convida a falar sobre a ética da psicanálise com ênfase nas *resistências* que a prática psicanalítica encontra hoje.

Em primeiro lugar, no que diz respeito à atualidade, parece-me que devemos partir da diferença entre a psicanálise em *extensão* e a psicanálise em *intensão*, levantada por Lacan na sua proposição de 9 de Outubro de 1967¹, entre o espaço da cura e as presentificações da psicanálise no mundo, para dizer que, para conceber uma ética em relação à prática, devemos abordar a ética na *atualidade* da cura e não numa ideação sobre a atualidade do mundo². Porque, como sublinhava Lacan em 1967, "toda a *Weltanschauung* é considerada na ideia de Freud como ultrapassada e sem importância". Neste sentido, poder-se-ia mesmo argumentar que na cura não há mundo, pelo menos, não há outro mundo para além daquele que é produzido predicativamente nos enunciados do analisante e que é desconstruído pela impredicatividade da sua enunciação através dessa força fecunda a que Freud chamou *pulsão de morte*. É esta a direção que Lacan dá à psicanálise quando diz: "uma prática sem valor, eis o que nós [psicanalistas] devemos instituir"³. Uma prática do vazio que opera no acto da fala. Pelo contrário, do lado extensional, a cura corre o risco de se tornar o lugar onde o analista procura resolver as dificuldades que a psicanálise encontra no "mundo", um lugar de doutrinação ideológica.

Se quisermos falar das *resistências* da psicanálise em intenção, é imperativo voltarmo-nos para a função do analista. Isso porque, a partir da obra de Lacan, "a única resistência real

¹ Jacques Lacan, "Proposition du 9 octobre 1967 sur le psychanalyste de l'École", in *Autres écrits* (Paris: Éditions du Seuil, 2001), 246.

² Jacques Lacan, "De la psychanalyse dans ses rapports avec la réalité (à l'Institut Français de Milan, le 18 décembre 1967 à 18h30)", in *Autres écrits* (Paris: Éditions du Seuil, 2001).

³ Jacques Lacan, *Le séminaire, livre XXIV, L'insu que sait de l'une-bévue que s'aile à mourre (1976-1977)*, Publication hors commerce. Documento interno à Associação Freudiana Internacional e destinado aos seus membros, s. d., Sessão de 17 de Maio de 1977.

na análise é a resistência do analista"⁴. Resistência que é posta em jogo no presente da cura pelo analista como o *Rea⁵*, através da operação do que René Lew chama, para retomar a terminologia de Kant, seu esquematismo.

Faço uma digressão para destacar a importância do esquematismo do analista na cura do tratamento, referindo-me ao esquema de terceira pessoa descrito por Freud em seu trabalho de 1905 sobre a piada. Neste texto, Freud utiliza as palavras de Shakespeare para dizer que "a prosperidade de uma piada repousa no ouvido de quem a ouve, nunca na língua de quem a conta"⁶. Fazendo um paralelo com a cura, poderíamos dizer que o carácter próspero (criativo) do que é dito depende do esquematismo do analista, das *condições* que ele abre e das possibilidades que o analisando aproveita das *oportunidades*. Com efeito, o fluxo de significantes do analisando pode tomar uma direcção ou outra em função do esquematismo em que se insere. É para sublinhar a função do esquematismo do analista que o título desta conferência se refere à ética *do analista* e não à ética da *psicanálise*.

Este esquema indica a especificidade do discurso analítico, a deste modo de troca chamado *transferência (übertragung)*. Uma troca recursiva em que o antecedente chama o consequente a depender dele de forma retrograda.

Tudo isso dá um sentido particular aos encontros entre analistas, pois o que está em jogo no trabalho teórico ao qual somos convocados é avançar na concepção de um esquema, um para cada analista, que ofereça as condições para que, nas curas, opere a imprecatividade própria da dinâmica do inconsciente e para que essa abertura permaneça viva ao final de uma cura. Retomemos agora a argumentação deste congresso para considerar o lugar dado ao gozo e os efeitos do que aí se propõe.

2. No argumento, um esquema de um gozo único

⁴ "a única resistência real na análise é a resistência do analista" (Jacques Lacan, *Le séminaire, livre II, Le moi dans la théorie de Freud et dans la technique psychanalytique (1954-1955)* (Paris: Éd. du Seuil, 1978), p.373.)

⁵ René Lew, " Construction des impossibles ", *Analyse Freudienne Presse* 16, n °1 (2009): cf. "A

⁶ Sigmund Freud, " Le trait d'esprit et sa relation à l'inconscient (1905) ", in *Œuvres complètes: psychanalyse. Volume XVII* (Paris: Presses universitaires de France, 1992), 168.

Na argumentação diz-se que "estamos numa civilização que reifica os sujeitos e os empurra para o gozo", referindo-se aqui apenas a um gozo mortífero, o gozo do Outro $J(A)$, e deixando de lado o gozo fálico $J(\Phi)$, que é aquele que sustenta a vertente criativa do acto psicanalítico e que põe em jogo a existência do sujeito⁷.

Partir de um tal esquematismo não seria sem efeito nas curas, pois, ao não levar em conta o gozo fálico, chegar-se-ia a uma *weltanschauung*, um mundo predicativo e esférico que pareceria completamente exterior e independente do sujeito, um mundo que o precederia, do qual ele faria parte e ao qual ele teria que se conformar. Um mundo extensional, no qual a impredicatividade das funções em intensão é esquecida na predicatividade dos objectos que elas produzem. É isso, a meu ver, o que está em jogo no tom catastrofista da argumentação deste congresso, segundo o qual parece que os psicanalistas devem enfrentar um mundo cheio de adversidades.

Se me interessa a questão do gozo, é porque a concepção do mundo está intimamente ligada à do gozo do Outro, porque este implica o gozo do mundo e dos seus objetos. Realizando de certa forma a promessa de Sade de que seria possível, através da dor, ter um acesso sensível à *Coisa*⁸.

Da simples consideração desse gozo do Outro que não encontra um gozo fálico que o complete, decorreria uma clínica de adaptação a uma suposta realidade. Uma prática que visaria normalizar e limitar esse gozo nocivo, que não seria mais do que uma "variante patológica do prazer"⁹. Uma prática que não ultrapassaria o *princípio do prazer* e que, *no final das contas, sustentaria* a existência do Outro (não barrado) e, por sua vez, sustentaria o seu gozo.

⁷ cf. René Lew, *L'économie littérale de la jouissance*, Série Organon de la psychanalyse (Paris: Lysimaque, 2022), cap. A., p. 1.

⁸ cf. Christian Fierens, *Le principe de jouissance: Critique de la raison pratique (Kant), Kant avec Sade (Lacan)*, Lire en psychanalyse (Louvain-la Neuve: EME éditions, 2020), 131-32.

⁹ cf. Fierens, 17.

Não é à toa que a questão do gozo ocupa tanto espaço no seminário sobre ética. Entre as diferentes abordagens do tema, deter-me-ei na expressão "acesso ao gozo"¹⁰ que Lacan utiliza para dizer que, assim como para Kant, para quem o gozo estético não está relacionado a uma realidade existente¹¹, o gozo próprio da psicanálise, o gozo fálico, não está relacionado a um objeto existente, mas a esse objeto metafísico que é o *objeto a* lacaniano.

Considerar o gozo em termos de "acesso a..." permite afastarmo-nos de uma suposta realidade do objeto e considerar antes os modos de relação à Coisa que estão em jogo no esquematismo do sujeito. Trata-se aqui de ter em conta que o gozo se joga nos diferentes modos, mais ou menos delirantes, de acesso ao objeto. Esquemáticamente, o acesso ao gozo seria a seta que figura a ligação de um significante (S2) a outro significante (S2'). E, como tenho defendido desde o início desta apresentação, é a consistência do segundo, do analista, no caso da transferência, que devolve a seta ao primeiro, abrindo a porta a uma lógica impredicativa.

Na dinâmica recursiva da transferência, isso equivale a dizer que o analista pontua o dizer do analisante a partir do modo de acesso ao gozo que ele sustenta a partir de sua segunda posição, de sua posição de objeto a (objeto vazio, que surge fatalmente da impossibilidade de acesso a Das Ding).

O analista exerce a inacessibilidade da Coisa a partir da posição do Outro e induz um retorno da flecha ao sujeito, reordenando o Sujeito e o Outro como posições estruturais presentes no sujeito, fazendo existir a espaladeira *do* sujeito, a *cisão do* objeto e o *desdobramento do* significante¹² através da barra do Outro. Por outras palavras, é a partir da barra do Outro que o analista (pequeno a) responde onde o Outro era esperado pelo

¹⁰ cf. Jacques Lacan, *Le séminaire, livre VII, L'éthique de la psychanalyse (1959-1960)* -AFI, Publication hors commerce. Documento interno à Associação Freudiana Internacional e destinado aos seus membros (Paris, s.d.), 460.

¹¹ cf. Jacques Lacan, *Le séminaire, livre VII, L'éthique de la psychanalyse (1959-1960)* (Paris: Éd. du Seuil, 1994), Séance du 30 mars 1960.

¹² René Lew, « Récurtivité de l'abord psychanalytique des troubles pour lesquels la psychiatrie se sent concernée » (*La récurtivité comme anticipation*, Copenhague, 2017), p.49.

analísante. Há sempre algo de decepcionante. O gozo fálico é um gozo da castração do Outro, certamente, mas é sobretudo um gozo daquilo que na castração do Outro opera como função recursiva dando existência ao Sujeito. A análise pode ser definida como a possibilidade de uma passagem de um modo de acesso ao gozo (que tem a ver com o princípio do prazer) a um outro modo de acesso ao gozo que, sendo moebiano e recursivo, reposiciona o gozo do objeto em direção ao gozo da função de que depende. Uma passagem de uma suposta acessibilidade à Coisa para um Real impossível que organiza a relação ao objeto de forma recursiva, a partir do gozo do Outro.

Assim, através do posicionamento do analista, pode-se produzir um furo no campo das chamadas relações interpessoais, um campo predominantemente imaginário organizado pela consciência, furo que reorienta a relação do sujeito com o outro segundo os reais que organizam a lógica simbólica do inconsciente.

Se o analista se coloca no lugar do *pequeno a*, um outro gozo se torna possível: outro que não o do gozo do Outro. Um gozo que não é o do sujeito psíquico do analisando ou do analista, mas um sujeito que é efeito da relação significante e de seus movimentos de alienação e separação, um sujeito causado por um vazio funcional que exige a produção de um *en-plus* (um deslocamento, uma novidade), um sujeito do inconsciente. O gozo fálico é, assim, um gozo favorável ao funcionamento da dinâmica significante que produz a passagem do Ser ao não-ser e que, para usar a expressão de Lacan, opera "um esvaziamento da evidência". O gozo fálico implica a impredicatividade do objeto, do sujeito e do significante. Ele põe em jogo a existência do sujeito " $J(\Phi) = \exists$ ", "existência [que] é o eixo, a meta [visée], o foco do tratamento psicanalítico"¹³, como argumenta René Lew. O gozo fálico é o nome da dinâmica do vazio, do relançamento de uma dinâmica significante recursiva.

¹³ Lew, *L'économie littérale de la jouissance*, cap. Corps, lettres et jouissance, p.121.

Pelo contrário, o gozo do Outro não consegue manter a falha ao instituir uma correspondência entre significante e significado que produz uma paragem da dinâmica significante, ou seja, uma posição que, se prolongada, pode tornar-se patologisante. É aqui que um esquematismo que põe em jogo dois gozos que se descompletam pode abrir-se à impredicatividade e reativar o movimento.

No seu artigo "Posição do gozo face à letra"¹⁴, René Lew defende que "o gozo do Outro e o gozo fálico estão em continuidade, sem nada que possa ser estabelecido como primeiro. Esta continuidade permite-nos dizer que seria errado afirmar que há dois gozos. Seria mais apropriado, nesse sentido, dizer que eles se organizam sob uma lógica moebiana: como localmente opostos e globalmente idênticos (indistinguíveis). Esta continuidade dá origem à impredicatividade, porque a produção de um gozo não pode ter lugar sem a destruição do outro, excluindo assim a possibilidade de criação de uma totalidade sem descontinuidade ou de sustentar a existência do Um. É esta impossibilidade de totalidade que mantém viva a dinâmica significante.

Esta abertura ao imprevisível devolve à cura o seu carácter imprevisível e singular e impossibilita o estabelecimento de objetivos precisos no trabalho clínico. O único horizonte de uma cura, como já foi dito, é produzir as condições para que o sujeito inconsciente se engendre na dinâmica significante.

3. Conclusão

Colocar as coisas do lado do analista permite-nos dizer que, *na intenção*, a ética se escreve no singular, porque ela entra em jogo diferentemente no esquema de cada analista.

No seu seminário, Lacan recorda-nos que a palavra ética pode ser relacionada com duas raízes: *èthos* (ἔθος), *carácter*, e *êthos* (ἤθος), *ordem*, e que a ética propriamente dita articula uma e outra ao procurar a conformidade do carácter a uma determinada ordem. Essa ordem, para nós, é a do inconsciente, evidentemente, a de suas leis, de sua dinâmica. A

¹⁴ cf. René Lew, "Position de la jouissance vis-à-vis the Letter" (16 de Março de 2021).

ética é assim uma questão de trabalho, de trabalho analítico em todas as suas dimensões (cura, seminários, cartazes e passe) e do vazio que se faz operar no esquematismo do analista. A escolha ética é, portanto, uma escolha de trabalho e de compromisso com o próprio desejo.

Ética do desejo, do objeto a, ética do vazio, ética do acto analítico, ética da impredicatividade, ética do significante.